

CONSTRUÇÃO DO EXISTENTE UMA ANÁLISE ÉTICA SOBRE A DESCONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM DA EXISTÊNCIA AO EXISTENTE DE E. LEVINAS

Renato de Faria¹

Resumo: Este artigo pretende, de forma introdutória, analisar a crítica ao conceito de sujeito como única fonte de certeza e referência da ação, presente na civilização ocidental e sustentado pela ontologia, bem como a possibilidade da construção de uma nova ideia de “sujeito”, se apresentando como existente. Em outras palavras, segundo o filósofo E. Levinas é preciso existir uma desconstrução do sujeito para que se inicie a construção do existente, que ao reconhecer outrem como autêntico outro, se torna um pressuposto fundamental para a existência da ética.

Palavras-chave: Existente, Sujeito, Ética, Subjetividade, Ser, Responsabilidade

Abstract: This article aims, in an introductory way, to analyze the critical concept of subject as the only source of certainty and reference of action, present in Western civilization and supported by the ontology, as well as the possible construction of a new idea of "subject", as existing. In other words, according to the philosopher E. Levinas there must be a deconstruction of the subject so that we can start building the existing one, recognizing the other as authentic another, and so becoming a fundamental precondition for the existence of ethics.

Keywords: Existing, Subject, Ethics, Subjectivity, Self, Responsibility

Introdução

A discussão acerca do problema do sujeito toma grande parte do esforço filosófico na estrutura do pensamento ocidental. Esse conceito se fez não apenas como centro das discussões na contemporaneidade, mas também como referência para todo tipo de pensar e agir que, predominantemente, fundamenta nosso *ethos*. Esse problema suscita em nós algumas perguntas: o homem sempre se viu como sujeito? Existe, de fato, um sujeito puro? É possível uma nova forma de conceituar o sujeito e, conseqüentemente, uma nova forma de se pensar a subjetividade? Essas perguntas nos ajudam a refletir sobre a problemática do homem e sua ação ética.

A partir dos estudos em “*Da existência ao Existente*”, podemos construir uma base conceitual que nos auxiliará a pensar a crítica ao sujeito, ao problema da anulação do outro na cultura contemporânea e a saída da concepção egoísta (de sujeito) para a concepção de alteridade (existente), como fundamento ético na filosofia de E. Levinas.

1. Crítica ao sujeito

¹ Mestrando em Filosofia pela FAJE. (Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia)

Podemos dizer que a idéia de sujeito, apesar de ter percorrido historicamente a civilização ocidental, se fundamenta como pressuposto epistemológico na modernidade². Com a própria revolução copernicana, que nos dá uma nova concepção de universo, nos encontramos num espaço perdido, descentralizado, onde o indivíduo se vê obrigado a tomar a si como referência. Ou seja, nesse contexto, a ordem do universo, melhor dizendo, a desordem do cosmos, provoca o homem a tomar a noção de sujeito como uma referência estática e controladora, onde todo o estranho, o mutável, deve ser visto e controlado pelo pressuposto de um eu como garantia única de certeza. Diante das incertezas e dos vários caminhos que podem ser percorridos, da infinitude do espaço, o eu, com sua subjetividade fechada, se coloca como garantia última de controle da existência. Assim, pode-se duvidar de tudo, de menos da certeza de nossa interioridade fechada, que nos oferece todas as respostas para o fluxo infinito do universo. Assim, essa concepção surge como referencial para o homem moderno e todo o ethos humano passa a ser pensado na dimensão de um eu que em sua existência

Arrasta um peso – fosse somente ela própria – que complica sua viagem de existência. Carregada de si própria – *omnia sua secum portans* –, ela não tem a calma serena do sábio antigo. Ela não existe pura e simplesmente. Seu movimento de existência, que poderia ser puro e reto, inflete-se e se atola em si mesmo, revelando no verbo *ser* seu caráter de verbo reflexivo: ela não *é*, ela *se é*.” (Da existência ao existente, pg. 29).

Nesse contexto podemos destacar o pensamento cartesiano que, ao mesmo tempo que inaugura um método de análise novo para a história da filosofia, de igual forma lança as bases para a compreensão de um sujeito solipsista. Essa idéia desembocará em grandes questionamentos, sobretudo para o homem ocidental, que verá o sujeito como condição de possibilidade da consciência e do mundo. Tudo será pensado no fundamento do “eu cartesiano”. Todas as formas de se relacionar com o mundo adquirirão, fundamentalmente, uma visão solitária num sujeito que pensa todas as relações a partir de si mesmo. É importante perceber que a idéia de sujeito, como substrato último e garantia do conhecimento, marca a própria idéia moderna de subjetividade. Esta, nesse caso, não é pensada como relação, mas como elementos que o próprio sujeito apreende e regulariza, a partir de si, iniciando um movimento que chamaremos de um retorno ao *mesmo*.

Na perspectiva cartesiana observamos o sujeito como interioridade racional que demarca seu próprio território, pois, ao mesmo tempo em que se pensa, garante, unicamente, a sua existência. Assim, Impera um sujeito que pensa o mundo e os outros a partir de si mesmo. Este sujeito, como única fonte de sentido da realidade tem o poder de domínio e de ordenação da lógica da vida e comanda a natureza e os outros, ou seja, o eu *solipsista*, com seu pensar, é a única certeza de existência do mundo e todos os outros entes que só existem em relação a ele. Essa virada

² VAZQUEZ, Ulpiano. Educ. e Filos. Uberlândia, V. 24, N. 47, p. 55-72, jan/jun, 2010.

antropocêntrica retira do ser humano aquilo que primordialmente e primeiramente o caracteriza como tal: a relação com o outro, pois ao desconsiderar essa relação o sujeito ocidental firma a subjetividade apenas no sujeito que retorna incessantemente sobre si mesmo sem nenhuma referência de alteridade onde possa identificar sua subjetividade e classificá-la como sua identidade. Segundo Lévinas

Somos levados a considerá-la como a identidade de uma substância. O “eu” seria um ponto indestrutível, do qual emanam atos e pensamentos sem afetá-lo por suas variações e multiplicidade. Mas a multiplicidade dos acidentes pode não afetar a identidade da substância?”

(Da existência ao existente, pg 104)

Tentando responder a essa pergunta, o filósofo franco-judeu, no prefácio de seu livro *“Totalidade e Infinito”*, já nos oferece algumas pistas, dizendo que a subjetividade se constitui num “acolher ao outro”³. Por isso, o subjetivismo do *eu*, pregado pela filosofia cartesiana e disseminado no pensamento ocidental não poderia ser considerado como subjetividade e, conseqüentemente, como fundamento da identidade do indivíduo, pois a relação com o *outro* afeta a identidade desse sujeito, transformando-o em um viajante que parte para o desconhecido que, segundo LEVINAS (1986), trata-se de uma evasão “*sem itinerário e sem termo, ela não espera atracar em algum lugar. Como para os verdadeiros viajantes de Baudelaire, trata-se de partir por partir*”.

O problema surge quando o sujeito rejeita esse movimento de saída de si ou quando realiza esse movimento intencionando voltar à sua condição de identificação e assimilação de si mesmo, violentando toda a exterioridade, toda a estranheza, toda *outridade* que caracteriza o viver. O eu, nesse movimento de totalização da realidade, será classificado como *mesmo*. Nesse conceito, Lévinas denuncia o desvirtuamento da idéia de sujeito trazida pela filosofia ocidental, pois o transformou num indivíduo que, sofrendo a miséria de ser só, de habitar em sua própria solidão de sujeito⁴, não vislumbrando uma saída de si como parte constituinte de um processo relacional na construção da dinâmica do existir, mas como um sujeito que *mesmifica* todas as relações, que visa totalizar o mundo, violentando um ser que se caracterizam justamente pelo infinito, pela exterioridade⁵, pelo extremamente outro que me convoca à existir e a assumir minha responsabilidade no encontro, face a face com ele. A Definição desse encontro, que tira o sujeito da classificação de mesmo, se define pelo encontro da

Temível face de uma relação sem intermediário, sem mediação. Desta forma, o interpessoal não é a relação, em si indiferente e recíproca, de dois sujeitos intercambiáveis. Outrem, como outrem, não é um alter ego. Ele é o que eu

³ Lévinas, 1961, pg 14

⁴ Lévinas, 1986, pg 113.

⁵ Lévinas, 1961, pg. 09-17

não sou: ele é o fraco enquanto eu sou forte; ele é o pobre; ele é a viúva e o órfão”. (Da existência ao existente pg 113).

Desse encontro, o sujeito, transformado em subjetividade mesmificadora pela filosofia ocidental, sujeito em si mesmo, não sai ileso. Ele é convocado pelo rosto do outro, que aparece à sua frente, a sair de si, provocando uma eclosão no ser anônimo que fundamentava seu eu. Levinas nos provoca, nesse sentido, para um desvelamento do sujeito, uma “eclosão, no meio do há, anônimo e impessoal, no meio do ser geral, a aparição de outro sujeito”⁶.

1.1. O problema do Outro

Segundo Levinas, o pensamento ocidental é caracterizado por um esquecimento sistemático do Outro. Este só é permitido como um momento de um processo em que ele irá, finalmente, ser compreendido, incorporado e integrado no Mesmo, outro nome do eu. Mesmo e Outro formam uma oposição que será, em última instância, unificada. Levinas chamou esta unificação de totalidade. Como deseja pensar o sujeito a partir de uma posição essencialmente ética, julga imprescindível proteger o Outro de ser reduzido ao Mesmo. Em outras palavras, deseja que o Outro seja recebido em sua irreduzível estranheza. A subjetividade do sujeito passa a ser entendida como a abertura original ao Outro. Assim, a filosofia de Levinas lança as bases para uma nova compreensão do sujeito, além do ser, baseada na responsabilidade para com o Outro (ética).

A subjetividade, como ser-para-com-outrem, é sacrifício, responsabilidade por ele. Diferentemente da ontologia tradicional, que acaba por objetivar o ente em detrimento da liberdade e da autonomia do ser, Levinas propõe um novo conceito de sujeito, com uma subjetividade engajada na justiça para com o Outro. A problemática do Mesmo e do Outro é exemplificada por duas personagens conhecidas por todos: Ulisses e Abraão. Enquanto o primeiro parte de Ítaca em direção a Tróia, se perde por 10 anos, mas retorna ao seu ponto de origem, Abraão parte em busca de uma terra desconhecida, estabelecendo uma eterna errância. Em Ulisses, o Outro é reduzido ao Mesmo; em Abraão, o Outro é mantido inatingível enquanto Outro.

2. Ética da Responsabilidade e Crítica à Ontologia

Assim, Levinas derruba o pressuposto estipulado na cultura contemporânea que se atém ao “eu” como fonte de todo sentido e verdade. Não é porque penso que logo sou. Se sou não sou só, sou porque o outro se aproxima de mim e retira o sujeito de sua solidão. Daí, podemos verificar um

⁶ Poirié, 2007, p. 16

diferencial no conceito de sujeito Lévinas. Se em Descartes identificamos um eu que só é capaz de pensar a si mesmo, que é ser para si, em Levinas avançamos, pois temos um sujeito que é ser-para-com-outrem. Essa diferenciação do sujeito, que encontramos no pensamento ético de Levinas, nos ajuda na difícil tarefa diante da cultura contemporânea: trazer a idéia de um sujeito que não seja fechado em sua percepção egocêntrica de mundo, ensimesmado em sua subjetividade como se estivesse trancado em sua própria casa, fundamentado na base solipsista de suas próprias representações intelectuais. Em Levinas, o ser-para-com-outrem é sinal redenção do próprio sujeito e formação de sua humanidade.

Dessa forma, sujeito não se basta a si mesmo. Meu mundo se abre e se enche de desejo do Bem. O ser-para-com-outrem, justamente por me lançar a outrem, faz com que o sujeito se relacione e, assim, se torne um *sujeito responsável*. Sou - para. A minha humanidade reside justamente em minha responsabilidade, que é insubstituível. À medida que o sujeito se relaciona com outrem, ele não pode não ser responsável. No pensamento de Lévinas a responsabilidade por outrem é o que de mais substancial existe no sujeito e o que o constitui como humano. Nesse caso, a relação de humanidade entre os entes humanos não é ontológica (constituição, posse, objetivação, exploração, etc). Isso é explicado pela própria crítica levinasiana à ontologia ocidental. Para o filósofo, na tentativa de apreender o ser do ente o sujeito ocidental desconsidera o próprio ente, pois se aproxima dele como se fosse um objeto e essa relação de aproximação não é autêntica, pois, como pano de fundo, está a vontade de apreensão e posse do ser, desconsiderando o próprio ente humano, portanto sua humanidade.

A relação entre os entes humanos deve ser, a priori, uma relação ética. Nesse caso, a ética mais que relação é experiência: experimentar na transcendência a vergonha e a culpabilidade de uma ingênua liberdade individual de um sujeito egoísta que tudo pretende agarrar, objetivar e fazer seu para explorar. Assim, a relação ética com o outro é a responsabilidade, é o rosto que se apresenta à minha frente e, como um fenômeno, me convoca para ele, me apresenta um desordenação do mundo em que meu *Eu* se sente abalado, esse Outro que se me apresenta não é esperado, não é tematizado, não é previsto. Ele simplesmente aparece e causa uma anarquia no meu reino de puro sujeito. Por isso, a autêntica relação ética, capaz de tirar o sujeito de sua autonomia ilusória, em Levinas, é a relação de responsabilidade com o outro que surge na existência, rompendo a abóboda da ontologia ocidental, se transformando num existente, pois esse outro recorda as obrigações do sujeito. Nos olhos do Outro o “eu” vê refletido o juízo autocondenatório de sua arbitrária e ingênua certeza de sujeito puro e autônomo, de seu mover-se no mundo, de seu apropriar-se dos entes para explorá-los, porque “o rosto me recorda minhas obrigações e me julga. Minha liberdade de sujeito é arbitrária e lê sua vergonha nos olhos que me

olham”⁷. A ontologia é considerada por Lévinas como uma obra espontânea de todo habitante da terra, na medida em que as relações com as coisas tornadas objetos no processo de constituição implícito no modo de mover-se no mundo são consideradas como algo próprio do ente humano, mas a ontologia caracterizou-se na filosofia ocidental e tem sido decantada na sociedade como totalidade institucionalizada e carente de justiça, atropelando a ética.

3. Hipóstase do Sujeito do existente

Todo o caminho percorrido no tópico anterior é uma preparação para a libertação das amarras ontológicas do ser, do “há”, que por sua vez condiciona o sujeito à mesmificação. Lévinas aponta o anonimato do *ser* como um aprisionamento, um contrato irrevogável do qual o sujeito pode se esquivar. Esse aprisionamento é esboçado por Lévinas como a tentativa de o ser prevalecer frente ao ente, pois mesmo que pudéssemos imaginar a aniquilação de todos os entes e sua redução ao nada, ainda sobraria um resquício de ser ressoando no fundo do nada. Uma impessoalidade que se designaria pelo “si”, pelo “há”, por uma presença anônima. A experiência do “há” é semelhante à experiência da noite, onde todos os objetos perdem a forma, mas a noite está aí, sem forma, como presença que se impõem diante da ausência das formas consumidas pela obscuridade. A este ser em geral, que permanece sempre, mesmo que todos os entes sejam reduzidos ao nada; a esta permanência absoluta que sobrevive a toda ausência de entes, de mundo, de espaço e de tempo; a ação possível, nem nada nem ninguém pode escapar.

Nesse sentido, a experiência existencial do ser é trágica e horrorosa. Existir é confronto com o fato nu e cru do ser, do “há”. Não é angústia diante da morte, é horror diante do que sobrevive à morte e diante de uma existência que é universal até em seu desaparecimento. Essa reflexão levada para a questão ética que subjaz ao conceito de sujeito pode ser perigosa, pois a desvalorização dos entes, pela ontologia ocidental, faz com que os sujeitos não vislumbrem uma saída dessa situação sufocante do “ser”. Nesse caso não existe alteridade, pois o processo de mesmificação daria uma suposta segurança ao “Eu” que, com a pretensa ilusão de se apreender a toda existência ao seu redor acabará se transformando num prisioneiro de si mesmo, prisioneiro de seu próprio castelo.

Esse aprisionamento, em Lévinas, impossibilita o sujeito do autêntico encontro com o outro e, portanto, o afasta da ética, já que ela, para o autor, só é possível nesse encontro. Para que aconteça o evento ético, o sujeito deverá deixar suspender o anonimato do “há”, livrar-se dele e dominá-lo. No momento dessa eclosão surgirá o conceito de existente. Esse procedimento do existente frente à existência é designado como “hipóstase”, ou seja, o modo pelo qual um verbo em infinitivo (existir) se faz surgir um substantivo (existente) que se torna eticamente a carga de seu

⁷ Lévinas, 1961 a, 237-282, 228-263

ser ao sair de si - mesmo, de sua condição de puro sujeito para o outro-diferente-de-si-mesmo, para o existente.

Então, podemos afirmar que para Lévinas o bem significa sair de si-mesmo para traçar um itinerário em direção ao diferente de si-mesmo, em outras palavras é sair da condição de puro sujeito, amarrado ao ser, para a construção da existente, do existir enquanto ente. Em termos práticos, quando experimentamos essa aniquilação anônima causada pelo “há” percebemos que o sujeito não garante a existência segura que pretendemos, pois nos encontramos com a desumana neutralidade do ser⁸. Nesse momento, em que nos descobrimos como responsáveis pelo fenômeno do outro que se apresenta diante de mim, acontece a hipóstase que tira o sujeito de seu confortável *status quo* e o lança para o encontro ético com o outro, acompanhando-o na descoberta como um existente. Essa movimentação da hipóstase é o próprio evento que liberta o sujeito da anônima existência, desse obsedante anonimato do ser, para o surgimento do ente humano, fazendo-o se perceber e se experimentar como um autêntico e único exist-ente, e não mais enquanto um sujeito solipsista que se embaraça

No excesso de si mesmo, em lugar de ser pobre e nu, afirmando sua incorruptibilidade na plena posse de si mesmo, possuindo riquezas que são fonte de preocupação, antes de ser fonte de gozo. (Da existência ao Existente, pg 28)

Dessa forma, enquanto o sujeito se pretende como fundamento sólido e imutável na pura alteridade do mundo, o exist-ente é nascimento perpétuo, é um embarcar, é cortar as amarras, levando a aventura do existir até o fim. Esse exist-ente anuncia que para um sujeito só, o futuro, o instante virgem, é impossível, isto é, a própria vida é impossível, pois o que nos interessa é a humanidade de cada exist-ente, e não o conceito de humanidade do ser geral, como o próprio conceito de sujeito. Nesse caso é a humanidade residindo em cada ente humano que deve ser preservada, e se não há reconhecimento dessa humanidade em cada ente humano específico, manifestado em sua diversidade e alteridade, não existirá, conseqüentemente, a própria ética.

Conclusão

Resgatar o outro do esquecimento provocado pelas novas formas do imperialismo totalizante da razão, é dizer que esse outrem é nosso guia e eu sou seu guardião, numa relação inter-humana. Levinas nos ensina a devastar o egoísmo do sujeito e chamá-lo à responsabilidade, nos mostrando o infinito a percorrer. Assim, quanto mais o “sujeito” se aproxima, achegando-se a esse estranho outro, tanto mais distante ele permanecerá dos interesses do imperialismo do eu e

⁸ Levinas, 1986, pg 12

mais próximo de se encontrar com seu verdadeiro eu, desconstruindo a ideia de eu solipsista, de um sujeito que não se relaciona para além de si, para a construção de um existente, que se engaja no co-existir para com a alteridade, iniciando um evento ético na realidade. Assim, a ética, através do esquecimento do sujeito e afirmação do existente, é o único modo no qual o ser humano acusa ali identidade humana. A significação, enquanto proximidade e encontro com outrem, é o nascimento latente do existente.

Esse caminho teórico, ao mesmo tempo em que nos auxilia a responder às perguntas feitas no início deste trabalho, nos direciona para uma proposta ética nova. Uma ética que não seja tratada como um “instrumento” para a continuação e perpetuação do sujeito, mas que garanta o papel o lugar do outro na sociedade. Na busca pelo ser a civilização ocidental se distanciou do ente, e quando se aproxima desse ente, o sujeito caminha em direção a ele com o intuito de apreender o seu ser. Então, o encontro com outrem, o face-a-face, autêntico evento ético, se desvaloriza, pois cede lugar à dominação. Na perspectiva levinasiana que, diga-se de passagem, quebra o paradigma do império e da conservação do sujeito, esse encontro é encontro com o inesperado e é justamente esse inesperado que “obriga” o sujeito a se readequar aos desejos do outro. Nessa situação, a pretensa liberdade e fundamentação do sujeito vão por água abaixo, pois ele se vê um processo de alteridade e não de identidade, onde o primeiro forma o segundo, e não o contrário.

Só o existente (o existir enquanto ente) poderá avançar nesse processo de descontextualizar o sujeito. Só o exist-ente poderá se entregar ao encontro ético, pois ele não vai em direção ao ser do ente, num movimento de apreensão e dominação, mas em direção ao ente como ente, um autêntico outro, num processo de alteridade, e não da descoberta de um alter-ego. Nessa perspectiva, a ética levinasiana, proposta como forma introdutória em *“Da existência ao Existente”*, nos ajuda a reconhecer o outro em nosso mundo e nos impulsiona a acolhê-lo, a recebê-lo na segurança de minha casa. Com esse movimento, de ir em direção a outrem como autêntico outro, o sujeito se perde de si, mas se encontra na co-existência, na face-a-face humano que constrói nosso *ethos*.

Referências bibliográficas

- LEVINAS, Emanuel. **Da Existência ao Existente**. Trad. de Paul Albert Simo e Ligia Maria de Castro Simon. Campinas, SP: Papirus, 1986.
- LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1981
- COSTA, Márcio Luis. **Lévinas: Uma Introdução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- POIRIÉ, Francois. **Emmanuel Lévinas: ensaios e entrevistas**. Trad. de Márcio Honório e Thiago Blumenthal. São Paulo: Perspectiva, 2007.